

‘SER LEVE E SER LÍQUIDO’: A “MODERNIDADE LÍQUIDA” NO PENSAMENTO DE ZYGMUNT BAUMAN

‘BEING LIGHT AND BEING LIQUID’: THE “LIQUID MODERNITY” IN THE THOUGHT OF ZYGMUNT BAUMAN

MARCIO BOGAZ TREVIZAN

Universidade Católica Dom Bosco
Brazil

trevizan.marciob@gmail.com

CESAR AUGUSTO VERAS

Pontificia Università della Santa Croce
Brazil

veras.cesaraugusto@gmail.com

PEDRO PEREIRA BORGES

Universidade Católica Dom Bosco
Brazil

pobojarl@uol.com.br

**PEDRO HENRIQUE SOARES
DOS SANTOS**

Universidade Católica Dom Bosco
Brazil

pedrohenr.s.santos@gmail.com

Resumo: O presente artigo tem como objetivo elucidar, ainda que de forma preliminar, o conceito de liquidez em Zygmunt Bauman e seus reflexos na sociedade. Como método será utilizado o dedutivo-indutivo. Quanto à metodologia, esta será de caráter bibliográfico. Este estudo vai de encontro ao que o sociólogo Zygmunt Bauman (1925-2017), em seus textos, postula que a Modernidade pode ser dividida em duas fases: a Modernidade Sólida e a Modernidade Líquida. A primeira iniciou-se no século XV e perdurou até o século XIX; a segunda teve início no século XX e se estende até os tempos atuais. Para descrever a sociedade moderna a partir do final do século XX, Bauman utiliza-se da metáfora da ‘liquidez’, tendo como objetivo apontar que o mundo contemporâneo atravessa um período de incertezas, efemeridades e instabilidades. Segundo Bauman, o ideal moderno cunhado entre os séculos XV e XIX postularam o primado da razão e da autonomia do homem capitalista e tais pressupostos conduziram a sociedade à modernidade líquida. Nessa “contemporaneidade” líquida, nada é duradouro, tudo é volátil, efêmero; o consumo é o parâmetro social, seja do indivíduo, da família, do Estado e da religião.

Palavras-chave: Modernidade. Liquidez. Leveza. Identidade. Relações

Abstract: This article aims to elucidate, albeit in a preliminary way, the concept of liquidity in Zygmunt Bauman and its effects on society. The deductive-inductive method will be used. As for the methodology, this will be of a bibliographic nature. This study is in line with what the sociologist Zygmunt Bauman (1925-2017), in his texts, postulates that Modernity can be divided into two phases: Solid Modernity and Liquid Modernity. The first began in

the 15th century and lasted until the 19th century; the second began in the 20th century and continues to the present time. To describe modern society from the end of the 20th century, Bauman uses the metaphor of ‘liquidity’, aiming to point out that the contemporary world is going through a period of uncertainty, ephemerality and instabilities. According to Bauman, the modern ideal coined between the 15th and 19th centuries postulated the primacy of reason and the autonomy of capitalist man and such assumptions led society to liquid modernity. In this liquid “contemporaneity”, nothing is lasting, everything is volatile, ephemeral; consumption is the social parameter, whether of the individual, the family, the State or religion.



Received: 12 Jan 2023

Accepted: 05 Apr 2023

Published: 13 May 2023

Corresponding author:

veras.cesaraugusto@gmail.com

Keywords: Modernity. Liquidity. Lightness. Identity. Relations.

Considerações iniciais

Falar do sociólogo e Pensador Zygmunt Bauman e de seu conceito de modernidade líquida parece ser tarefa fácil, porém por ser um pensador contemporâneo, este trabalho torna-se laborioso e desafiador. Tal tarefa torna-se ainda mais desafiadora, visto que se trata de uma definição acerca de uma situação que é presente nos dias atuais, isto é, na sociedade pós-moderna, como Bauman a define. Logo, a tarefa de análise acerca do referido autor, tem a necessidade de que aquele que se propõe a analisar exercite o distanciamento, ou seja, olhe o fenômeno não desde dentro, mas se esforce em olhar a partir de um olhar do todo, panorâmico.

O conceito de modernidade líquida foi concebido por Bauman (2001) a partir de sua visão de mundo. Para ele, o “caráter liquefeito da contemporaneidade, sua fluidez e volatilidade, [...] constitui o traço mais explícito da singularidade de nossa modernidade.” (SZWAKO, 2006, p.215). O sociólogo entende que o período presente está marcado por rápidas e volúveis mudanças de cunho social, cultural, econômico e pessoal, fruto de um sistema capitalista, que produziu uma visão mutável a respeito de toda a realidade. Nesta modernidade líquida, as instituições (Família, Igreja, Estado), deixaram de ser referencial para os indivíduos e o novo dogma cunhado foi a ‘liquidez’, a novidade constante. A partir do derretimento e diluição dos valores testificados no passado pelas referidas instituições, eclodiu o homem líquido, que nada considera absoluto, a não ser o fato de nada ser absoluto.

No contexto das discussões a respeito dessa teoria, faz-se necessário esclarecer que Zygmunt Bauman (1925-2017) não infere a finitude da modernidade, mas sim que ela continua nos tempos atuais sob uma forma ‘líquida’. Assim sendo, ele se afasta da ideia de que existe uma Pós-modernidade. Por isso, o termo ‘pós-moderno’ que ele utilizou antes da década de 1980, deve ser lido como sinônimo de ‘Modernidade Líquida’.

Desse modo, este trabalho terá por objetivo principal explicitar algumas notas fundamentais acerca do conceito de liquidez, para uma melhor compreensão do pensamento de Zygmunt Bauman sobre o conceito de “Modernidade Líquida”. Para melhor responder a tal objetivo, o presente trabalho está dividido nos seguintes tópicos: 2) Conexão entre sociologia e filosofia; 3) Modernidade; 3.1) O Surgimento e Desenvolvimento da ‘Modernidade Sólida’; 3.1.1) A modernidade sólida fordista; 3.2) Modernidade Líquida; 4) A identidade, as relações pessoais e a efemeridade na modernidade líquida; 4.1) A Identidade como Fluidez; 4.2) A Leveza das Relações

Interpessoais; 4.3) A Efemeridade como Resultado da ‘Identidade Flexível’ E das Relações Pessoais Inexistentes.

1. Conexão entre sociologia e filosofia

Zygmunt Bauman, segundo ele mesmo, foi educado e treinado no Departamento de Filosofia e Sociologia da universidade de Varsóvia, e não se recorda de nenhum conflito entre estas duas partes do mundo acadêmico, pelo contrário, aponta que “ambas pareciam assumir que eram ‘naturalmente’ parte de um todo, talvez se vissem mesmo como gêmeos siameses, ou até gêmeos holocéfalos!” (BAUMAN, 2004b, p.304-305). Para o referido autor, a Filosofia e a Sociologia formam uma unidade, de tal maneira que uma complementa a outra.

A origem desta unidade está no conhecimento filosófico, herdado da Grécia Antiga. Antes do surgimento da Filosofia, as indagações próprias da condição humana, eram respondidas de forma mítico-religiosa, tendo em consideração os fenômenos naturais. Após o nascimento da Filosofia, tais explicações míticas foram classificadas de *doxa*, opinião, e lenta e gradativamente foi substituída pela *episteme*, o conhecimento.

Mediante a *episteme* surgiu uma gama de escolas filosóficas, e a crença verdadeiramente justificada tornou-se o padrão da ciência ocidental. Em outras palavras a *doxa* foi substituída pela teoria do conhecimento que se desenvolveu no decorrer dos séculos e produziu uma vasta teoria do conhecimento que engloba grande parte do saber moderno e contemporâneo. Sendo assim, filosofia a mãe das grandes epistemologias atuais, também possibilitou a origem da sociologia, ciência na qual Bauman se aventurou. Para ele, a filosofia e a sociologia caminham juntas, não é possível descartar uma em detrimento a outra. Entretanto, dadas às circunstâncias da sua vida, Bauman fez das Ciências Sociais o carro-chefe de seu trabalho.

2. Modernidade

Para Bauman, a modernidade é um período de ruptura com a Idade Média, contudo foi gestada em seu contexto. Em sua forma de ver a Modernidade, Bauman a divide em duas fases: a sólida e a líquida. A fase sólida perdurou do início do século XV ao final do século XIX e teve como eixo central a autonomia do humano, a expansão territorial e o desenvolvimento dos Estados Nações. Já o período fluido da modernidade, foi desencadeado a partir do século XX e se estende até a atualidade. “Para Bauman, na modernidade em sua versão líquida, tudo é volátil, as relações

humanas e a vida em conjunto (como as relações familiares, de casais, de grupos de amigos, de afinidades políticas e assim por diante), perdem consistência e estabilidade” (SILVA; MENDES e ALVES,2015,p.3). Tal período tem por norte o imediatismo e o efêmero.

Entre a ideia de que existe uma Pós-Modernidade e a ideia de que existe uma Modernidade Líquida, Bauman fica com a segunda, dado que teoriza a continuidade dos tempos atuais, com os tempos modernos. Em seus escritos, percebe-se que Bauman, aponta o conceito de pós-modernidade, muito mais como uma ideologia, do que uma realidade. É uma ideologia, em que alguns pensadores querem provar a vitória de algo sobre a modernidade, isto é, a vitória do ‘relativismo’ sobre qualquer realidade sólida, duradoura.

O pensamento “baumaniano” se afasta dessa ideologia pós-moderna e cunha, a partir de seus estudos, o conceito de modernidade líquida. Segundo ele, não há uma ruptura entre a ideia de modernidade e a de pós-modernidade, mas há uma continuidade da única Modernidade, que passa do estado sólido ao líquido. Nesse sentido, “Essa transição do sólido para o líquido pressupõe acontecimentos que se materializaram na modernidade e se radicalizaram no momento contemporâneo” (SILVA; MENDES e ALVES,2015,p.3). É justamente por isso que ele se afasta do conceito de ‘pós-modernidade’. Em sua obra, os conceitos de fluidez ou liquidez, tornaram-se metáforas adequadas para “captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade.” (BAUMAN, 1999, p.9).

2.1. O Surgimento e Desenvolvimento da ‘Modernidade Sólida’

Conforme já mencionado, a modernidade para Bauman se divide em duas partes: sólida e líquida. Ele sistematiza o início da modernidade a partir do século XV com o período das grandes navegações e as conquistas de territórios outrora não conhecidos. Em sua forma de ver o mundo, aponta que a modernidade sólida advém da ruptura com a Idade Média e da ruptura de tudo o que ela acarretou e representa. Segundo Bauman (1999), após a revolução copernicana e a adoção da visão de mundo antropocêntrica, foi gerada uma mudança de horizonte na humanidade, que se concretizou no período renascentista. Desta nova fase da humanidade, surgiram os conceitos de ciência, Estado-Nação, ordem e o progresso. Em suas próprias palavras, a “ciência moderna nasce da esmagadora ambição de conquistar a natureza e subordiná-la às necessidades humanas.” (BAUMAN,1999, p.48). Sendo assim, a ciência moderna e suas promessas se apresentaram como o trunfo da iluminação racional para o homem e para a natureza.

Neste ‘novo mundo’, a Modernidade, com o surgimento da concepção que a verdade está na razão, apostou-se na transformação da natureza, no aperfeiçoamento dos bens de produção, na conquista de novas terras e na liberdade da razão. Por conseguinte, o homem guiado pela razão, tornou-se um sujeito de optar pelo bem ético. Neste processo, “fomos emancipados da crença no ato da criação, da revelação e da condenação eterna.” (BAUMAN, 2000, p. 40). Em outras palavras, a razão moderna testifica ao homem sua autonomia e seu bem ético, libertando-o da religiosidade e de seus pressupostos, é uma proposta, de certa maneira, de afastamentos dos pressupostos morais cristãos¹.

Bauman diz que a Modernidade foi um processo de liquefação desde seu começo. Só que, em seu período inicial, a tarefa moderna era a de derreter os antigos sólidos (que já se encontravam enferrujados e que já não serviam) a fim de limpar o terreno para a construção de novos e aperfeiçoados sólidos; esses sim, com durabilidade garantida, pois seriam feitos sob os auspícios da razão (SANTOS e DA SILVA, 2012,p.6).

De acordo com Bauman (2004), é neste período de transição que começou a se desenvolver lentamente os primeiros passos do sistema capitalista, que ao contribuir com a solidificação da Modernidade, fez com que ela atingisse o seu auge de ‘solidez’ entre os séculos XVII e XVIII, com as revoluções industriais.

2.1.1. A modernidade sólida fordista

Quanto aos séculos XIX e XX, Bauman aponta que foi o período no qual o capitalismo mais se desenvolveu e como exemplo cita o modelo fordista. Segundo ele, “o fordismo era a autoconsciência da sociedade moderna em sua fase sólida pesada, volumosa, ou imóvel e enraizada, sólida.” (BAUMAN,2000, p.75). Para ele, a modernidade fordista representou a fase das conquistas territoriais mediante a instalação de grandes indústrias: grandes fábricas com seus muros altos, seus maquinários pesados – quanto maior a fábrica, mais imponente e importante era. As grandes fábricas, os inúmeros trabalhadores e seu maquinário, não eram somente a expressão da modernidade pesada no que tange ao quesito econômico, mas representava também, toda a epistemologia deste período. “O modelo fordista era [...] um local epistemológico de construção sobre o qual se erigia toda uma visão de mundo e a partir da qual ele se sobrepunha majestaticamente à totalidade da experiência vivida” (BAUMAN, 2000, p. 74).

¹ Acerca desse processo de afastamento da moral cristã, recomenda-se a leitura para fins de aprofundamento, do livro *Crítica da Modernidade* do sociólogo francês Alain Touraine.

O protótipo deste sistema eram as fábricas fordistas e o seu *modus operandi* exemplificam perfeitamente como se organizou a ‘modernidade sólida’. Neste período, as relações de trabalho passaram a se dar a partir do progresso dos grandes centros, que com suas grandes fábricas, seus patrões e empregados impunham novas relações no processo de produção e uma nova visão do trabalho, na qual “para o bem ou para o mal, as partes unidas no ‘casamento’ deveriam permanecer unidas, uma não poderia sobreviver sem a outra” (BAUMAN,2000, p.147). Esse progresso e essa ordem simbolizavam a normalidade da era sólida, do período moderno, no qual cada qual sabia e desempenhava seu papel. Segundo Bauman, neste “seu estágio pesado, o capital estava tão fixado ao solo quanto os trabalhadores que empregava.” (BAUMAN, 2000, p. 76).

Outro aspecto importante do período da modernidade sólida fordista está relacionado com a ocupação do espaço. A busca por territórios e a demarcação dos mesmos foi o grande trunfo dos poderosos. Segundo Bauman (2000), “quanto maior, melhor”, o tamanho de território ocupado era visto como símbolo de poder. “O território estava entre as mais agudas obsessões modernas e sua aquisição, entre as urgências mais prementes” (BAUMAN, 2000, p. 144). Nesse período, os espaços vazios não conhecidos e colonizados eram vistos como um obstáculo à modernidade e, como tal, deveriam ser superados. A superação dos ‘espaços vazios’, dar-se-iam pela implementação do *modus operandi*, isto é, “a expansão do modelo fordista até os mais recônditos recessos e fissuras da sociedade.” (BAUMAN, 2000, p. 75).

Contudo, a solidez do modelo fordista e da modernidade em geral foi se desfazendo, na medida em que novas perspectivas foram plasmadas no seio do próprio capitalismo, dando início ao período líquido da modernidade, como exemplifica Bauman em sua obra “*Modernidade e Holocausto*” (1989). Segundo ele, a partir do holocausto, os sólidos derretem-se; as certezas já não são certas, a liberdade torna-se submissão e surge uma sociedade de consumo para os bilhões de consumidores que habitam o planeta.

2.2. Modernidade Líquida

A ideia de Bauman acerca da Modernidade Líquida tem como base a noção de desintegração proposta por Karl Marx no Manifesto do Partido Comunista. Para Marx, a nova perspectiva cunhada por ele, deveria implodir os padrões da sociedade de então e criar uma nova realidade na qual o ‘novo’, que emergisse das ruínas do antigo, fosse infinitamente melhor, mais justo e favorável a todos os cidadãos. A ideia base de renovação parte da seguinte frase: “Tudo o que era sólido desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente

forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas.” (MARX,2008, p.15-16). A referida ideia, segundo Bauman, visava uma transformação sem precedentes:

[...] A famosa frase sobre “derreter os sólidos”, quando cunhada há um século e meio pelos autores do Manifesto comunista, referia-se ao tratamento que o autoconfiante e exuberante espírito moderno dava à sociedade, que considerava estagnada demais para seu gosto e resistente demais para mudar e amoldar-se a suas ambições — porque congelada em seus caminhos habituais. Se o “espírito” era “moderno”, ele o era na medida em que estava determinado que a realidade deveria ser emancipada da “mão morta” de sua própria história — e isso só poderia ser feito derretendo os sólidos (isto é, por definição, dissolvendo o que quer que persistisse no tempo e fosse infenso à sua passagem ou imune a seu fluxo). Essa intenção clamava, por sua vez, pela “profanação do sagrado”: pelo repúdio e destronamento do passado, e, antes e acima de tudo, da “tradição” — isto é, o sedimento ou resíduo do passado no presente; clamava pelo esmagamento da armadura protetora forjada de crenças e lealdades que permitiam que os sólidos resistissem à “liquefação” (BAUMAN, 2000, p. 8-9).

A concretização desta nova fase líquida, de acordo com Bauman, recebeu um novo impulso a partir da falência do projeto da razão, como orientadora de todas as boas ações do mundo contemporâneo, e da emersão do grande drama mundial ocasionada pelas catástrofes da I e II Guerra Mundial (BAUMAN, 1998). Estas catástrofes introduziram na sociedade um estado de incertezas, de inseguranças e de distopias. A esperança de uma vida melhor ‘explodiu’ com as bombas de Hiroshima e Nagasaki; as utopias se fragmentaram, fluíram, deixando em pleno crescimento as distopias e o vazio. Com o colapso de todas as esperanças utópicas, já não se sabe mais o que é certo ou o que é errado. Também não se discute sobre a ética e os valores que a modernidade sólida cunhou. Enfim, todas as referências, do período sólido, foram banidas e então prevaleceu prodigiosamente o volúvel, o instável, o líquido.

Os fluidos se movem facilmente. Eles “fluem”, “escorrem”, “esvaem-se”, “respingam”, “transbordam”, “vazam”, “inundam”, “borrifam”, “pingam”; são “filtrados”, “destilados”; diferentemente dos sólidos, não são facilmente contidos — contornam certos obstáculos, dissolvem outros e invadem ou inundam seu caminho. Do encontro com sólidos emergem intactos, enquanto os sólidos que encontraram, se permanecem sólidos, são alterados — ficam molhados ou encharcados. A extraordinária mobilidade dos fluidos é o que os associa à ideia de “leveza”. Há líquidos que, centímetro cúbico por centímetro cúbico, são mais pesados que muitos sólidos, mas ainda assim tendemos a vê-los como mais leves, menos “pesados” que qualquer sólido. Associamos “leveza” ou “ausência de peso” à mobilidade e à inconstância: sabemos pela prática que quanto mais leves viajamos, com maior facilidade e rapidez nos movemos. Essas são razões para considerar “fluidez” ou “liquidez” como metáforas adequadas quando queremos captar a natureza da presente fase, nova de muitas maneiras, na história da modernidade. (BAUMAN,2002, p.8-9).

Essa nova perspectiva, advinda da ideia do fluido, isto é, da leveza, caracterizou uma nova etapa da humanidade na qual todas as certezas foram sendo corroídas e emergiu uma nova mentalidade, mais prática adaptável e adaptada às novas necessidades do mercado. Todo o modelo fordista de modernidade foi sendo deixado de lado e foi se abrindo o espaço para o leve, para o fluido. “A quebra com a rotina e a tradição é mais que a tentativa de criar novos padrões, é a de evitar que qualquer padrão que se tenha criado congele em tradição.” (BAUMAN, 2000, p.178).

Esta verificação é um dos eixos centrais nas obras de Bauman. Tal processo de liquefação da modernidade sólida para a líquida é discutido, de modo particular, na obra “*Modernidade Líquida*” (2000). Nesta nova fase da sociedade capitalista, o ‘capitalismo leve’ fez o homem se livrar de tudo que era pesado como os sólidos empregos, as relações interpessoais, a cultura da coletividade e solidariedade, as tradições familiares e religiosas. E então o que resta é exaurir ao máximo o objeto que se tem e depois, quando não mais servir, deve ser descartado. De acordo com Soares (2011),

Para Bauman a modernidade é líquida/fluida por não manter uma forma com facilidade, não fixa o espaço nem prende o tempo, o líquido está sempre pronto e propenso para mudanças, pode apresentar leveza, mas pode ser mais pesado que muitos sólidos. Em essência, a grande mobilidade e o acelerado devir do líquido é um bom representante metafórico da modernidade contemporânea, pois não tem forma distinta e está em constante mudança física (SOARES, 2011, p.2).

Essa transformação fez com que o ser humano no ‘período leve’ não se preocupasse com a comunidade, com a sociedade. O que vale agora não é o coletivo, é a supervalorização do Eu, em detrimento do outro. Tal processo é resultado de uma racionalidade instrumental, postulada na modernidade sólida e que na modernidade líquida “atingiu proporções catastróficas que vão de guerras à degradação ambiental poluição, produção e reprodução da miséria humana” (BAUMAN,2000, p.75). À vontade, o desejo de autossatisfação tornou-se o centro e, por vezes, a única preocupação pendente e necessária na modernidade líquida. Todas as outras questões foram relegadas como secundárias e desinteressantes.

Quanto à política, Bauman (2000) aponta que esta sofreu um enfraquecimento, um esfacelamento e uma inversão de conteúdo. A política, que na fase sólida se preocupava com os direitos do cidadão e a sua segurança, enquanto que na fase líquida ocupa-se com os interesses do capital. Por conseguinte, no mundo líquido, discute-se o direito privado, contudo, o que diz respeito às coisas públicas, ao bem comum, não entra mais facilmente em discussão. O capitalismo Liberal, que defende a mínima interferência do Estado na sociedade, gerou indivíduos e não cidadãos. “Dessa forma a política pública também se esvaziou de conteúdo verdadeiramente

público da tarefa de cuidar dos interesses públicos e trata de cuidados e interesses econômicos privados cedendo às pressões do capital.” (OLIVEIRA, 2012, p. 31).

Referente à globalização, Bauman (1988) aponta que esta é um trunfo na era da modernidade líquida, pois as grandes fábricas transmutaram-se quebrando os muros e encurtando espaços. Esta transmutação fez com que a nova ordem econômica fosse administrada ‘de fora’. Assim, como as fábricas perderam seus muros, os Estado-nação perderam a soberania de suas fronteiras para o capital. Nasceram então as multinacionais que é um produto genuíno da modernidade líquida. Tais empresas não se preocupam com os trabalhadores e sim com o lucro. (BAUMAN,2000, p.156). O trabalho que na modernidade sólida era sustentáculo da vida dos trabalhadores, agora se liquefez. “O trabalho não pode mais oferecer o eixo seguro em torno do qual possa envolver e fixar autodefinições, identidade e projetos de vida.” (BAUMAN,2000, p.175). O *modus operandi* das fábricas fordistas que, outrora de forma pictórica fora retrato da modernidade sólida, perde seu poder.

Na modernidade líquida, quanto mais aperfeiçoado e prático for o trabalho, mais satisfatória e leve a vida se tornará. “Hoje o capital viaja leve apenas com a bagagem de mão que inclui nada mais que pasta, telefone celular e computador portátil.” (BAUMAN,2000, p.76). Sua duração não permanece “além do tempo que durar sua satisfação.” (BAUMAN,2000, p.76). Porém, essa ‘leveza’ gera insegurança e instabilidade trabalhista e social. Ou seja, as garantias duráveis e longas do trabalho foram fracionadas. “Quem começa uma carreira na Microsoft não tem a mínima ideia de onde ela terminará; quem começa na Ford ou na Renault podia estar quase certo de terminar no mesmo lugar.” (BAUMAN, 2000, p.148).

3. A identidade, as relações pessoais e a efemeridade na modernidade líquida

Como já fora discorrido anteriormente, uma das teses fundamentais de Bauman é que tudo o que era sólido na modernidade foi se liquefazendo e surgiu o que ele denomina de Modernidade Líquida. Sendo assim, nesse contexto de fragmentação total as questões relacionadas ao indivíduo, as suas identidades e as relações (inter) pessoais, tornaram-se um tema importante em seu pensamento. É necessário, então, retomar a maneira como Bauman entende e analisa a questão da identidade como fluidez, bem como a “leveza” das relações interpessoais.

3.1. A Identidade como Fluidez

O tema da identidade do indivíduo, segundo Zygmunt Bauman, era compreendido na modernidade sólida, como algo herdado, isto é, ele já sabia de antemão a que estrato social ele pertencia e qual era a sua função na sociedade. Entretanto, com a flexibilidade e a liquefação da modernidade, a identidade do indivíduo passou a ser negociada, no sentido de que não há mais nada pré-determinado, ele será o que ele puder e quiser ser. Bauman entende o indivíduo como o “artista da vida”, responsável por construir sua própria identidade. Acerca desse conceito de “artista da vida” comenta Do Nascimento e Da Silva (2019, p.22), que

sendo a nossa identidade um fator construído, podemos ser artistas de nossa própria vida, podemos criar própria exuberância criativa que é a vida o modelo de felicidade que queremos, sendo ela um modelo que, por ser líquida, se adequa as nossas vontades, se adequa aos nossos projetos de vida.

A identidade sofre essa mudança: “volatilidade e instabilidade intrínsecas de todas ou quase todas as identidades, é a capacidade de ir às compras no supermercado das identidades.” (BAUMAN,1999, p.107). A identidade do indivíduo e da sociedade não é mais herdada, é múltipla, negociável e adquirível; não se sabe o que se é, porque não é mais necessário saber para onde vamos. O que importa é viver o momento, que por ser leve e líquido está em constante transformação. O novo é sempre o melhor. Bauman elabora ainda a análise de que os velhos cresceram e se firmaram a partir de “coisas sólidas e perenes, capazes de perdurar até o futuro; todavia, os jovens não conseguem vislumbrar o futuro, criando assim obras de arte úteis apenas no presente, mutáveis líquidas, condizentes com a época em que vivem” (DO NASCIMENTO E DA SILVA, 2019, p.11).

A partir do desejo do novo e da moda vigente, a sociedade adquire a identidade e na ideia de tal prática, supostamente assegura e proporciona a liberdade, que é fundamental para a contemporaneidade. Porém, essa pseudoliberalidade identitária vivenciada na modernidade líquida, revela que “somos livres para fazer e desfazer identidades à vontade, ou assim parece.” (BAUMAN,1999, p.107). Tal situação se desdobra, para ele, em um relativismo identitário e cria uma crise que gera insegurança. O indivíduo nestas circunstâncias pode optar por ter não só uma, mas várias identidades; ou seja, é como um trocar de roupas, variando do gosto e da ocasião.

3.2. A Leveza das Relações Interpessoais

No mundo leve, e líquido, também as relações interpessoais se liquefazem e se tornam volúveis tal qual o éter. Na era da 'leveza', não se pensa na coletividade, mas somente no indivíduo: 'eu sou o centro do mundo e não posso viver sem mim!' Contudo, Bauman recorda que tal realidade não é exclusividade da era líquida; ela também já se apresentava na era sólida, porém com menos agressividade. "Não se engane: agora, como antes, tanto no estágio leve e fluído da modernidade quando no sólido e pesado, a individualização é uma fatalidade, não uma escolha." (BAUMAN,1999, p.47).

Entretanto, como argumenta o referido autor, esse processo de individualização na sociedade contemporânea foi levado quase ao absurdo ao ponto de que todos passaram por um 'processo de autismo', tornando-se quase que incapazes de comunicação. Em suma, "ninguém mais sabe falar com ninguém" (BAUMAN,1999, p.136). Com a crise de comunicação, os valores de relação interpessoal, tais como relações familiares, casamento, amizade, dentre outros, viraram objetos de consumo e como tal, tem sua data de fabricação e de validade; e quando essas relações vencem, são descartadas. "A família, os colegas de trabalho, a classe e os vizinhos são fluidos demais para que imaginemos sua permanência e os creditemos com a capacidade de quadro de referências confiáveis" (BAUMAN, 1999, p. 227-228).

Já não se acredita nessas relações interpessoais e o amor que outrora fora o elo das mesmas, se liquefaz. O objeto final de uma relação interpessoal se tornou o descarte: o indivíduo usa, aproveita se diverte e, por fim, descarta. Em outras palavras, as relações interpessoais passaram a ser relações de usufruto. O casamento, por exemplo, enquanto gerar qualidade e satisfação deve ser mantido e assegurado. Porém, no momento da pobreza ou da doença em que há uma baixa "qualidade" dessa relação, a flexibilidade da modernidade líquida, permite e orienta o descarte dessa relação, e a busca de um 'novo produto', de alta qualidade. "Não há qualquer razão para ficar com produto inferior ou envelhecido em vez de procurar outro novo e aperfeiçoado nas lojas." (BAUMAN,1999, p.205). O velho precisa ser desfeito.

3.3. A Efemeridade como Resultado da 'Identidade Flexível' E das Relações Pessoais Inexistentes

O processo de flexibilização da identidade do indivíduo e das sociedades, somado ao descarte das relações interpessoais, produziu o fenômeno da efemeridade na modernidade líquida.

O eterno do ‘casamento’ junto com suas juras nupciais, é eterno até o momento de se cruzar a esquina e achar outro ‘eterno’. “Se a modernidade sólida punha a duração eterna como principal motivo e princípio da ação, a modernidade fluida não tem função para a duração eterna.” (BAUMAN,1999, p.158). Sendo tudo fugaz e passageiro, na atual fase da modernidade, tudo é efêmero; só é duradouro o fato de constantemente buscar o efêmero.

Com a busca pelo efêmero, a sociedade vai passando de um estado sólido a uma fase fluida. Aquilo que outrora havia sido testificado, comprovado e enrijecido, foi perdendo forma e tornando-se liquefeito. Nesta fase, as tradições, a religião, os estado-nação, a filosofia, a ciência, a ordem e o progresso já não respondem mais de forma firme aos anseios dos indivíduos. Por conseguinte, o medo e as incertezas geram, a partir de um capitalismo leve, um indivíduo consumista, sendo o consumo uma analgesia na contemporaneidade. Por sua vez, o indivíduo circunspecto em uma determinada sociedade sofre uma inversão axiológica na identidade, nas relações interpessoais, na compreensão religiosa, na ética, e em outras escalas de valores.

Com essa inversão axiológica, a sociedade cai em um vazio existencial e procura qualquer vício para suprir este vazio. A leveza da era moderna anunciou a impossibilidade de alcançar a satisfação: “movemo-nos e continuaremos a nos mover não tanto pelo adiantamento da satisfação, como sugeriu Max Weber, mas por causa da impossibilidade de atingir a satisfação” (BAUMAN,1999, p.40). Quando não há a possibilidade de satisfação, então criamos uma pseudo-satisfação. Na certeza de não se satisfazer por completo apega-se as satisfações pontuais, porém fugazes; passa-se então como diz o autor a “amansar o inesperado para que se torne um entretenimento.” (BAUMAN,1999, p.81).

Por conseguinte, a efemeridade torna a sociedade na era líquida viciada na busca da satisfação. Neste sentido, os vícios, tais como as drogas lícitas ou ilícitas, os bens de consumo e os atuais meios de comunicação, se tornaram o entretenimento, o meio para se conseguir a fugaz satisfação. Sendo os prazeres volúveis, isto é, incapazes de trazer a satisfação e a realização, estes funcionam apenas “como meio de aplacar a sede.” (BAUMAN,1999,p.93), nunca como ponto de realização. Nesse sentido, Bauman (1999) aponta que “todos os vícios são autodestrutivos, destroem a possibilidade de se chegar à satisfação.” (BAUMAN, 1999, p. 93).

A identidade, as relações interpessoais e a efemeridade na era líquida são exemplificações da situação na qual nos encontramos. A esse respeito, Pondé (2008), citando o poeta Ralph Waldo Emerson (1803 - 1882 +), aponta que no que tange a modernidade líquida, “vivemos como se estivéssemos sobre uma fina casca de gelo, se pararmos ela racha”. Nas palavras de Bauman (2008), a sociedade atual atravessa um inverno, onde a “casca” do gelo é fina e se o passo for lento,

o indivíduo corre o risco de que o chão rache e ele seja afogado. Tal ânsia, de andar sem saber para onde ou para que lado, é o reflexo da modernidade líquida.

Considerações finais

É possível notar, a partir da leitura da obra de Zygmunt Bauman, que à mesma não pode ser objetivada como uma reflexão pessimista, característica que muitos dão ao referido pesquisador. Sua obra é uma reflexão acerca daquilo que é notado como fenômeno social e implica diretamente a vida de cada indivíduo. É um convite ao leitor para perscrutar o fundamento de suas próprias ações, que naturalmente são frutos do mundo líquido. Apesar de apontar os fenômenos sociais que levaram à liquidez, sua reflexão não faz apontamentos ou sugestões de caminhos para o futuro, sendo isto alvo de variadas críticas no ambiente universitário acerca desse autor. Pode ser uma limitação do seu pensamento ou não ser esse seu foco, mas sim analisar, descrever e sistematizar a compreensão da realidade.

Partindo da perspectiva de Bauman, é possível visualizar que o conceito de ‘Liquidez’ foi inspirado na frase de Karl Marx: “Tudo o que era sólido se desmancha no ar, tudo o que era sagrado é profanado, e as pessoas são finalmente forçadas a encarar com serenidade sua posição social e suas relações recíprocas” (MARX,1988, p.5). Com a referida frase, Marx inferia o derretimento dos padrões societários de sua época e a esteira de seu pensamento, Zygmunt Bauman produziu uma nova interpretação da Modernidade, apontando-a como líquida, sem referências.

Sendo assim, para Bauman (2008), o conceito de ‘Modernidade Líquida’, é compreendido como sendo a ‘parte’ da Modernidade capitalista que perdeu a capacidade de manter a forma Sólida. Nesse mundo líquido, as relações, as instituições, os quadros de referência, os estilos de vida, as crenças e as convicções mudam antes que tenham tempo de se solidificarem. Em outros termos, o mundo Moderno ‘líquido’, “se caracteriza não tanto por quebrar as rotinas e subverter as tradições, mas por evitar que padrões de conduta se congelem em rotinas e tradições” (PALLARES-BURKE,2004, p.304-305).

O resultado dessa nova perspectiva, isto é, a ‘modernidade líquida’, foi o surgimento de um mundo volúvel no qual nada mais é sólido, a não ser a noção de que nada mais é sólido. Como resultado, se consolidou os problemas de identidade, a leveza das relações pessoais e a efemeridade. No ‘tempo líquido’, a identidade não é mais herdada, mas sim criada adquirida a partir da moda vigente. Assim, como se tem as coleções de outono inverno, primavera e verão, têm-se também

as mutações na identidade; o indivíduo é aquilo que escolhe ser e quando escolhe, é “livre”. As relações pessoais também sofreram as regras da liquidez e tornaram-se bens de consumo, de curta validade. Então, o efêmero tornou-se a marca da modernidade líquida; dado que tudo é volúvel, possível e constantemente renovável, busca-se constantemente a satisfação, que também é volúvel, insaciável e voraz.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. **A Arte da Vida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Z. **A Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000
- BAUMAN, Z. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- BAUMAN, Z. **Em Busca da Política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.
- BAUMAN, Z. **Identidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BAUMAN, Z. **La Sociedad Sitiada**. Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2002.
- BAUMAN, Z. **Modernidade e Holocausto**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- BAUMAN, Z. **Mundo Consumo: Ética del Individuos em La Aldea Global**. Buenos Aires: Paidós, 2008.
- DO NASCIMENTO, Kelvis Leandro; DA SILVA, Allyson Darlan Moreira. **A sociedade líquida e o conceito de felicidade em “A arte da vida” de Zygmunt Bauman**. Cadernos Zygmunt Bauman, v. 9, n. 19, 2019.
- MARX, Karl. **Manifesto do partido comunista**. São Paulo, SP: Expressão Popular, 2008.
- OLIVEIRA, L. P. de. **Zygmunt Bauman: a sociedade contemporânea e a sociologia na modernidade líquida**. Revista Sem Aspas, [S. l.], v. 1, n. 1, p. 25–35, 2012. DOI: 10.29373/sas.v1i1.6970. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/semaspas/article/view/6970>. Acesso em: 18 Jan. 2022.
- PALLARES-BURKE, M. L. **Entrevista com Zygmunt Bayman**. Tempo Social. São Paulo. v. 16, n. 1, p. 301-325, 2004.
- SANTOS, Guilherme Ferreira; DA SILVA, Otávio Guimarães Tavares. **Conceito De Modernidade Líquida: Revisão teórica e implicações para a prática de vida**. Cadernos Zygmunt Bauman, v. 3, n. 5, 2013.
- SILVA, Rafael Bianchi; MENDES, Jéssica Paula Silva; ALVES, Rosieli dos Santos Lopes. **O conceito de líquido em Zygmunt Bauman: Contemporaneidade e produção de subjetividade**. Athenea Digital. Revista de pensamiento e investigación social, v. 15, n. 2, p. 249-264, 2015.
- SOARES, Frederico Fonseca. **NEOINDIVÍDUO: Questões sobre a liberdade na modernidade líquida**. Cadernos Zygmunt Bauman, v. 1, n. 2, 2011.

SZWAKO, J. **Identidades Liquidadas**. Revista Sociologia Política. Curitiba, n. 27, p. 215-218, nov. 2006. Disponível em: <<https://goo.gl/cU6u5M>>. Acesso: 15 de Nov. 2021.

PONDÉ, Luiz Felipe. **Zygmunt Bauman e a pós modernidade**. Instituto CPFL, **Café Filosófico**, 20b08. Disponível em: < <https://institutocpfl.org.br/o-diagnostico-de-zygmunt-bauman-para-a-pos-modernidade-uma-agenda-para-o-inverno-ambivalencia-medo-e-coragem/>>. Acesso em: 18 Jan. 2022.